Espaço Sagrado

"Aspectos Simbólicos Litúrgicos"

2017

Paróquia de São Sebastião e São Roque

Bom Repouso/MG

Edição 2017

Trabalho Realizado pelo Arquiteto Urbanista Pe. André Andrade Brandão,
Compilado, diagramado e registrado em Livro pelo escritor Jean Carlos de Andrade
Apoio ao Projeto inicial: Pe. João Hélio Fagundes (Pároco de Bom Repouso/MG)

Índice

Apresentação.....04
A Importância dos Ícones no Ocidente e Oriente.....06
Pinturas Como Forma Evangelizadora.....07
Um Pouco da História de Nossa Paróquia.....09
Simbologia do Espaço Sagrado.....12
Parte Frontal da Igreja.....13
A Fonte de Água Benta.....14
Altar, Mesa da Palavra e Presidência.....14
Cristo Subindo aos Céus.....16
A Fonte Batismal.....17
Ícone da Ressurreição na Parede do Presbitério.....18
Ícone da Montanha na Parede do Presbitério.....19
O Gradil que se Compõe em Sol.....24
O Sacrário.....24
Os Padroeiros.....25
As Quatro Portas da Igreja.....26
As Quatro Colunas.....27
A Iluminação da Igreja.....28
Os Vitrais.....28
As Cores da Igreja.....29
O Crucificado Acima da Porta Principal.....29
As Doze Cruzes na Parede da Igreja.....30
A Venda das Imagens Originais.....31
Oração a São Sebastião e São Roque.....33
A Imagem de Nossa Senhora das Graças.....34
Beleza e Harmonia.....39
Considerações Finais.....40
Fontes e Referências.....44
Sobre o Autor.....45

Apresentação

Este é um trabalho em parceria com a Paróquia de São Sebastião e São Roque da cidade de Bom Repouso/MG. Compilado pelo escritor Jean Carlos de Andrade, através de pesquisas e entrevistas com o arquiteto urbanista e idealizador da obra. A Matriz foi completamente reformada, sua arquitetura se transformou e ganhou no âmbito Sacro diversos significados, algo que talvez seja desconhecido pela maioria dos fieis desta e de outras comunidades. O Padre André Andrade Brandão foi quem arquitetou todas as mudanças, incluindo fatores simbólicos importantes aos espaços sagrados.

Em entrevista com o Arquiteto Responsável, Padre André, conseguimos entender todos os significados, como também identificar cada objeto colocado minunciosamente dentro de um contexto histórico e religioso, levando em consideração os aspectos litúrgicos deste espaço. A ideia inicial para criação deste documento conta com o apoio do Padre João Hélio Fagundes, Pároco de Bom Repouso/MG.

A intenção é o de informar, catequizar e deixar clara a intensão simbólica, a presença da Arte Sacra por trás de cada objeto inserido dentro e fora da Matriz.

Estamos em festa, comemorando a nova imagem de nossa paróquia (São Sebastião e São Roque). A edição deste livro é a seguinte: registrar todo o trabalho de reforma, concluída em nossa

Matriz, documentando a Simbologia Teológico-Litúrgica deste espaço sagrado, local em que a nossa comunidade se encontra com Deus e com os irmãos e irmãs, na busca do Reino definitivo.

Continuemos trabalhando para que a nossa Paróquia seja um lugar de comunhão, dando sentido à vida daqueles que por aqui passarem, encontrando Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida.

Jean C. de Andrade
(Professor e Escritor)



Jean C. de Andrade
(Professor e Escritor)



Pe. André Andrade Brandão
(Arquiteto Urbanista)



Pe. João Hélio Fagundes
(Pároco de Bom Repouso/MG)

A Importância dos Ícones no Ocidente e Oriente

Sabendo da importância deste trabalho de pesquisa, utilizamos também a internet como fonte para citar aqui o fator histórico dos ícones no decorrer dos tempos, assim fica relevante o entendimento das artes Sacras inseridas no contexto cultural, artístico e religioso, do qual será relatado neste projeto:

> Desde o aparecimento dos ícones na história da Igreja, estes não eram considerados como uma mera obra artística.
> Os primeiros iconógrafos, tratavam de retratar com cores e pinturas o que os Evangelhos expressavam com palavras (Concílio de Nicéia II).
> Contudo, os ícones e, em geral, a cultura bizantina, é uma mescla de cultura, arte, história, fé...
> Algo que se faz viva no coração dos habitantes do Império. Desde os Imperadores até a pessoa mais humilde, viviam a experiência dos ícones como expressão da fé de um povo que experimentava diariamente a intervenção de Deus, da Theotokos e dos Santos na sua vida cotidiana, tal como viviam as primeiras comunidades cristãs de Jerusalém.
> Toda a cultura bizantina: arquitetura, escultura, pintura, bordados e manuscritos, entre outros, está iluminada por essa fé que impregna cada uma das atividades e da vida dos habitantes do Império.
> Enquanto o Ocidente expressa essa fé vivida mediante a experiência pessoal do artista, o Oriente se dedica aos cânones estabelecidos pela Igreja.
> O primeiro expressa a sua própria experiência e os próprios sentimentos que experimenta sua fé, pintando com total e absoluta espontaneidade qualquer motivo religioso que lhe é sugerido, solicitado ou que, simplesmente, expresse o que ele sente ou experimenta.

No Oriente, os iconógrafos, seguindo os ensinamentos do Mestre Dyonisios e, em geral, as determinações da Igreja, buscam reproduzir as mesmas passagens dos Evangelhos, omitindo qualquer experiência ou sentimento pessoal vivido, tratando, simplesmente, desde uma profunda vida de oração, expressar o conteúdo dos Evangelhos.
Os iconógrafos, antes de a iconografia ter passado a ser objeto de ocupação de pessoas amantes das artes manuais, eram sempre monges e a iconografia uma função conferida pela Igreja.
A tarefa do iconógrafo sempre foi comparada ao do sacerdote. Primeiro porque ambos pregavam a Palavra de Deus, o primeiro com a pintura e as cores, o segundo mediante a palavra ou a escritura.
Após a morte e a ressurreição de Cristo, a fé nova espalhou-se rapidamente durante todo o mundo romano e o Oriente Médio.
As histórias dos Apóstolos e das testemunhas que tinham conhecido Cristo, davam descrições de sua aparência. *(Eclesia. "A arte sagrada dos ícones")*

Pinturas Como Forma Evangelizadora

Em algum ponto da história as pessoas começaram a criar e distribuir pinturas de Cristo, estas, incluindo também seus discípulos e os mártires da fé cristã. Daí a importância das pinturas como forma para se evangelizar, algo que se tornou comum através do tempo...

Haviam também umas pinturas muito antigas de Pedro e de Paulo, entretanto, a igreja ficou um tanto dividida sobre as imagens de Cristo.
Um sínodo espanhol local, em 305 decretou que essas pinturas fossem proibidas, entretanto, o número dos

exemplos das pinturas da natividade e das alegorias dos pastores, da Anunciação ao redor de 250, mostra como as pinturas cristãs se tinham tornado conhecidas.
O crescimento das imagens era simultâneo com o desenvolvimento da doutrina da encarnação de Cristo.
Podemos razoavelmente supor que estas pinturas de Cristo e de seus santos, eram, no começo, vistas simplesmente como representações realísticas das pessoas; tal como ocasionalmente vemos fotografias hoje em dia.
Muito rapidamente determinadas características de Cristo e dos santos, foram estabelecidas como modelo para descrições futuras.
Por exemplo: Pedro o Apóstolo é mostrado ligeiramente calvo, com cabelos anelados cinzentos e uma barba, Paulo é mostrado mais calvo na parte dianteira com cabelos castanhos retos, uma barba, garganta grossa e às vezes com um pouco de barriga.
Estas imagens tiveram origem mais precisamente em Roma, onde as pessoas conheciam os dois apóstolos e suas aparências físicas.
No início da era cristã haviam duas imagens de Cristo que foram estandardizadas.
Uma era de um jovem, idealizada e limpa, o tipo raspado do "herói".
A segunda era a imagem que nos é tão familiar - um homem com seus 20 ou 30 anos, cabelos longos amarrados atrás, barba lisa, testa alta, nariz longo, e vestido com um manto solto, comprido.
Estas imagens eram colocadas em lugares visíveis por toda a cidade, representavam a presença do imperador e de seu poderio.
O incenso e o sacrifício eram oferecidos frequentemente a estas imagens para provar a devoção de uma cidade a Roma ou à família imperial.

As pessoas que queriam dar uma mostra de sua lealdade faziam o mesmo em suas próprias casas.
Todavia, poucas pessoas acreditavam realmente que o imperador era um deus.
O fato de os cristãos se recusarem a oferecer o incenso ou o sacrifício, era visto como um ato de traição, muitos cristãos preferiam morrer do que adorar a imagem do imperador.
Não se sabe exatamente quando as pinturas de Cristo começaram a fazer parte em muitos dos atributos da realeza, mas em alguns casos as vestes de Cristo foram transformadas nas cores reais de azul e o roxo imperial, quando se sentou no esplêndido trono.
Em torno de sua cabeça brilhou um halo dourado com os raios que mostram os braços da cruz.
Os halos vieram da Pérsia e por muito tempo foram considerados como um símbolo da divindade ou da santidade.
O primeiro ícone foi pintado em cera colorida com espátulas quentes. O manto foi pintado em púrpura imperial, cuja cor era reservada apenas aos imperadores.
(Eclesia. "A arte sagrada dos ícones")

Um Pouco da História de Nossa Paróquia...

Para contextualizar melhor e podermos adentrar realmente no interior desta pesquisa, é bom que voltemos um pouco mais ao início da história de nossa Paróquia.

Assim poderemos nos localizar e analisar com calma a evolução da Igreja Matriz de São Sebastião e São Roque, como também observar a inserção de seus objetos Sacros. A história não se faz assim tão distante, começamos por 1828:

Em 1828, a Fazenda Bom Retiro já possuía uma capelinha de pau a pique, coberta de capim, com duas imagens: uma de São Sebastião e outra de São Roque. Esta capelinha ficava localizada próximo da sede da Fazenda Bom Retiro, no local conhecido hoje como Sobradinho. Nesta capela, os devotos de São Sebastião e São Roque eram atendidos pelo Capelão particular, Padre Francisco Figueira da Assunção.

No dia 4 de julho de 1831, o Padre Francisco Figueira da Assunção e algumas autoridades realizaram solenemente a escritura do termo de doação do patrimônio para a legalização da Capela de São Sebastião e São Roque da Fazenda Bom Retiro.

Em 03 de setembro de 1831, a Chancelaria Eclesiástica de São Paulo expedia a provisão de Capela Curada (filial da Matriz de São Francisco de Paula da Paróquia de Ouro Fino, da Diocese de São Paulo) e nomeava como Capelão Curado o Padre Florentino José de Medeiros.

No dia 8 de agosto de 1840, o Governo da Província de Minas Gerais criou o Distrito do Bom Retiro, pelo sistema de Portaria, colocando-o a pertencer ao termo da Vila de Jaguari, atual Camanducaia.

OBS: Esta portaria criou dois Distritos (Ribeirão das Antas e Bom Retiro) no mesmo documento, sem antes desligá-los de Ouro Fino.

Em 1843, os dois Distritos voltaram a pertencer a Ouro Fino.

Em 1846, pela lei provincial nº 288, 2 do artigo 4, os Distritos passaram a pertencer para Vila de Pouso Alegre.

No ano de 1848 aconteceu uma referência, puramente religiosa, a Capela de São Sebastião e São Roque foi elevada à Categoria de Paróquia pela Diocese de São Paulo.

Pela lei nº 471, artigo 1º, 8 de 1º de junho de 1850, o Deputado provincial João Cassiano Santiago conseguiu desmembrar "novamente" de Ouro Fino, os Distritos do Bom Retiro e do Ribeirão das Antas.